

RESENHA

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO: HISTÓRIA E (DES)CONSTRUÇÃO NA LITERATURA EM SILVIANO SANTIAGO

VELOSO, Rodrigo Felipe¹

Resenha do livro *O grande relógio: a que hora o mundo recomeça* (2024). São Paulo: Editora Nós, 2024.

Publicado em 2024, pela editora Nós, o livro de ensaios intitulado *O grande relógio: a que hora o mundo recomeça*, de Silviano Santiago, revela um autor em plena maturidade criativa, entrelaçando reflexão, provocação, ponderação e experimentação literária de maneira singular, cujo propósito é o de (re) pensar a literatura e a cultura brasileiras, bem como o modo pelo qual a imagem de Machado de Assis, no tempo presente, se manifesta e nos representa na tentativa de se pensar o Brasil atual. Este primeiro caderno de um projeto mais amplo é uma incursão por tempos diversos (históricos, pessoais e culturais) que se sobrepõem na narrativa ensaística como engrenagens de um grande relógio metafórico.

Em *O grande relógio: a que hora o mundo recomeça*, Santiago retoma e aprofunda um arco reflexivo que já se anunciava em seus ensaios de *Uma literatura nos trópicos* (1978), obra fundamental para a crítica literária latino-americana. Nesse livro, o autor propõe a necessidade de pensar a literatura produzida no Brasil e na América Latina a partir de suas especificidades

¹ Pós-doutor em Letras: Estudos Literários pela UFMG; Doutor em Letras: Estudos Literários pela UFJF; Docente no Departamento de Comunicação e Letras da Unimontes, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0028770040198024>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>. E-mail: rodrigof_veloso@yahoo.com.br.

culturais e históricas, rompendo com a mera dependência dos paradigmas europeus. O livro mais recente dialoga com essa mesma perspectiva, pois articula o tempo literário com o tempo histórico, convocando a herança de Machado de Assis e de Marcel Proust para questionar a experiência do presente. Assim, o arco teórico-crítico que começa nos ensaios críticos encontra, décadas depois, em outro trabalho, uma forma narrativa e literária de prolongar suas inquietações: como ler e escrever no espaço periférico dos trópicos e como reinscrever a tradição ocidental a partir de uma posição que é simultaneamente de diálogo e de resistência.

Dentro dessa perspectiva, *O grande relógio* marca um ponto culminante na trajetória ensaística de Santiago, ao propor uma inflexão epistêmica sobre os modos de produção e recepção da literatura brasileira a partir da tensão colonial que nos constitui. Não se trata apenas de pensar o Brasil contemporâneo a partir de suas ruínas, mas de colocar em xeque os próprios fundamentos sobre os quais o cânone nacional foi edificado, isto é, os pactos culturais entre memória, identidade e colonialidade.

O foco apontado pelo ensaísta versa sobre as boas e más intenções civilizatórias do Ocidente, da Europa, que perpetuou um período longo de colonização no Novo Mundo. O método utilizado pelo crítico trata-se, de fato, de colocar o dedo nas feridas do Ocidente por meio da Literatura Comparada, uma vez que deseja desconstruir o eurocentrismo ainda dominante no pensamento dos latino-americanos. Para isso, Santiago realiza análise de uma “literatura nacional metropolitana”, especificamente da literatura francesa moderna, a obra de Marcel Proust (*Em busca do tempo perdido – Um amor de Swann*), numa interpretação contrastiva, confrontativa com uma literatura nacional de colônia “recém-emancipada” das Américas e de descendência diaspórica africana, a obra de Machado de Assis (*Dom Casmurro*).

Durante o percurso analítico e crítico que faz das obras de Proust e Machado, Santiago pactua, em seu texto, uma articulação e um diálogo com o leitor, o direcionando de maneira cautelosa (e ou movediçamente des-constructiva) por meio de metáforas (ambiente festivo e desconstrutor do *saloon* e ou do *bangue-bangue* das ruas, exemplo de filmes de faroeste) e jogos comparativos, que instauram uma tendência criativa e digressiva notadamente produzida pelos escritores canônicos estudados.

Ao estabelecer uma ponte entre Machado de Assis e Marcel Proust, Santiago não apenas executa um exercício comparativo à maneira clássica da literatura comparada, mas o reinventa com aguda consciência do lugar enunciativo que ocupa: o de um intelectual latino-americano comprometido com a desconstrução do eurocentrismo. Como ele mesmo afirma: “a porta é de vaivém” (Santiago, 2024a, p. 24), indicando que o trânsito entre centros e margens deve ser

ambivalentee crítico.

Dito isso, vale apontar brevemente o contexto histórico de transição do período colonial para a república no Brasil. É singular a emancipação da colônia portuguesa, visto que tal ação foi tomada por D. João VI e Pedro I, oriundos da Família Imperial de Bragança. Como efeito desse período colonial, as outras forças de resistência cultural, como a indígena e a dos povos africanos escravizados, foram desconsideradas e “acachapadas”, fato que ocorre até a atualidade. Essa situação funciona como uma linha de demarcação entre o que é obscuro e impenetrável, instalado no mesmo plano paradoxal de esquecer/lembrar e, no momento oportuno, como lembra Santiago, “*de sentir como um poderoso instinto quando é necessário ver as coisas sob o ângulo histórico e quando não*” (Santiago, 2024a, p. 25, grifos do autor).

Nesse contexto, para Santiago, a posição de Machado é de não se interessar pelo arrebatamento emancipatório da colônia portuguesa. O crítico analisa a situação de maneira prudente, julgando-o apresentado às instabilidades aristocráticas, no geral, e sentimentais, no privado. Em meio ao embate de poder gerado pelas forças de resistência do período colonial, a aristocracia lusitana granjeia e se fecha no poder nacional do colono de descendência europeia, o que, por sua vez, acaba por paralisar efetivamente a energia das outras duas forças de resistência. Sendo assim, “toda a produção artística brasileira é [...] de segunda-mão. Copiamos os modelos formais importados. De original só o conteúdo selvagem. Machado é o primeiro inventor de forma literária em língua portuguesa” (Santiago, 2024b).

Ademais, Santiago, ao examinar os romances *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Em busca do tempo perdido*, (mais precisamente a parte autônoma dos sete volumes que o compõe, como é o caso de *Um amor de Swann*), de Marcel Proust, reitera que a arte é intempestiva, porque sua verdadeira salvação e vida centra-se nessa destinação cultural. Na escrita de *Dom Casmurro*, Machado toma uma decisão fundamental diante da definição do narrador. Isso acontece porque o escritor rejeita a caracterização de um narrador marcado por fortes traços de inspiração em narrativas oriundas da natureza urbana, desenvolvidas em terceira pessoa, a partir de um registro cronológico ordenado e de base cientificista. O escritor intentava partir do aspecto nevrálgico da realidade social, quer dizer, ele teria de ter experienciado a vida em sua plenitude e ritualidades, vivenciadas em comunidades populares cariocas, por exemplo.

No caso do romance proustiano (*Um amor de Swann*), conforme propõe Santiago (2024, p. 48), o narrador está do lado de fora das reminiscências de Marcel, ou seja, ser externo ao Eu que as narra, Antoine Compagnon pode caracterizá-lo como alter ego do narrador/ protagonista da Recherche. Além disso, ainda neste romance, o autor transgride não somente o demorado e

opressivo critério do *récit* francês, quer dizer, o romance escrito em primeira pessoa, bem como o contrato firmado pelo narrador.

Gilles Deleuze (2003), em *Proust e os signos*, descreve que o essencial do romance *Em busca do tempo perdido* (*Recherche*, a busca) não está na madeleine nem no calçamento. “[...] a busca, não é simplesmente um esforço de recordação, uma exploração da memória: a palavra deve ser tomada em sentido preciso, como na expressão ‘busca da verdade’” (Deleuze, 2003, p. 2). Não se trata somente de um resgate do tempo passado, mas, sim, do tempo que se perde. O signo sistematiza, nesse processo, um tempo redescoberto, pois se torna matéria desse ou de outro mundo em específico, se organiza em círculos e dialoga em determinados pontos. A busca é direcionada para o futuro e não para o passado.

Em linhas gerais, Machado de Assis e Marcel Proust são consagrados como escritores geniais, especialmente pela coragem de escrever literatura, bem como de criarem um dos instrumentos mais inovadores da cópia, que é o pastiche, haja vista que a imitação e a emulação são etapas necessárias na criação literária e se localizam no “estaleiro” da grande obra literária que surge desde o Renascimento. Com isso, “a imitação ganha novo nome de batismo, ‘pastiche’, no momento em que o autor ganha, como assinala Michel Foucault, foros de independência cidadã, vale dizer, passa a ter presença social, econômica e jurídica” (Santiago, 2024a, p. 41).

A análise comparativa entre *Dom Casmurro* e *Um amor de Swann* se torna, nesse sentido, um campo privilegiado de problematização. Santiago vê em Machado não um imitador colonial que apenas mimetiza formas europeias, mas o fundador de uma forma literária genuinamente brasileira, capaz de absorver o pastiche como tática e de transcender o decalque como estratégia. A perspectiva é convergente com o pensamento de Haroldo de Campos (1986), quando este define a antropofagia como operação estética de absorção crítica do outro: não submissão, mas devoração transformadora.

Ao rejeitar o narrador em terceira pessoa e organizar a diegese a partir de uma voz irônica, ambígua e profundamente implicada com os dilemas de classe, gênero e raça no Brasil do século XIX, Machado antecipa o que hoje entendemos como “literatura de resistência”. Por outro lado, o romance proustiano, como lê Santiago, se dedica a uma busca existencial e estilística pela verdade do tempo, no entanto, uma verdade subjetiva, privada, confinada aos domínios da aristocracia francesa.

A metáfora do relógio que organiza o livro não é gratuita: funciona como imagem-tempo do ensaio como gênero, mas também como dispositivo que entrelaça cronologias e

subjetividades de forma rizomática, como sugeriria Deleuze (2000). A “hora de recomeçar” implica, então, um gesto de descontinuidade em relação à narrativa histórica oficial, dominada pelo olhar branco, patriarcal e lusitano, e convida à escuta de outras vozes, indígenas, negras, femininas, silenciadas pelo projeto moderno ocidental.

É importante notar, ainda, que *O grande relógio* propõe uma leitura política do tempo literário. Contra o tempo homogêneo e vazio do colonialismo e da modernidade europeia, Santiago propõe um tempo múltiplo, atravessado por reminiscências afetivas, rupturas históricas e lampejos de futuro, o que aproxima sua proposta da noção de “tempo-espço insurgente” formulada por Boaventura de Sousa Santos (2010), segundo a qual o saber e a cultura do Sul global exigem outros modos de inscrição temporal.

Portanto, Silviano Santiago parte de um projeto contrastivo entre as obras de Machado de Assis e de Marcel Proust, uma vez que *O grande relógio* explora e esmiúça a literatura desses escritores geniais, bem como este livro é o primeiro de três cadernos, que também expõe as particularidades da literatura brasileira, regida historicamente pelo contexto transitório do Brasil-Colônia ao Brasil-República.

Santiago analisa a literatura de descendência diaspórica africana feita pelo autor negro Machado de Assis, sobretudo em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, seu clássico de maior maturidade e ascensão literária (condição criativa e narrativa), momento em que o próprio narrador reflete tal fato: ele se encontra morto, viveu toda experiência em vida e, sobretudo, detém em si a sabedoria do narrar. Em *Dom Casmurro*, por sua vez, Santiago revela com toques profundos e viscerais uma discussão pontual em relação à caracterização do narrador, das personagens e do espaço-tempo que transcende a narrativa e se acentua na vida do próprio escritor, afinal, como enfatiza o crítico: “o diabo se esconde sempre nos detalhes” (Santiago, 2024, p. 14).

Por fim, o livro também é uma declaração de pertencimento e descentramento. Santiago não nega sua formação europeia, nem sua filiação à alta cultura literária, mas tensiona essa herança desde dentro, desestabilizando suas premissas e revelando seus limites. Seu gesto é, pois, duplamente radical: afirma o valor da tradição e, ao mesmo tempo, opera sua crítica. Nesse vaivém, que é também o vaivém da porta simbólica da modernidade, encontra-se a potência reflexiva do ensaio.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*: ensaios de teoria e crítica literária. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*: capitalismo e esquizofrenia, Vol. 1, Tradução de Aurélio Guerra Netoe Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- SANTIAGO, Silviano. *O grande relógio*: a que hora o mundo recomeça - Caderno em andamento 1. São Paulo: Editora Nós, 2024a.
- SANTIAGO, Silviano. Silviano: Em busca do tempo perdido de Machado. *Jornal Outras Palavras*, São Paulo, 2024b. Disponível em: <https://outraspalavras.net/poeticas/silviano-em-busca-do-tempo-perdido-de-machado/>. Acesso em: 01 jan. 2025.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.